



Mestre Chitãozinho e a formação dos capoeiristas no Projeto ABC do João XXII

José Olímpio Ferreira Netoⁱ 

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

Robson Carlos da Silvaⁱⁱ 

Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil

Resumo

A Capoeira resiste nas periferias das grandes cidades assumindo *status* educacional, formal ou não formal, é reconhecida de diversas formas pela sociedade, inclusive como patrimônio cultural, sendo assim, indispensável o registro de sua história e memórias. O objetivo desse trabalho foi investigar o legado educacional do Mestre Chitãozinho para a Capoeira alencarina, compreendendo o período que ministrou treinos no Projeto ABC do João XXIII, localizado na periferia de Fortaleza-CE. Dessa forma, pensa-se que esse trabalho está contribuindo para o registro da memória local, contando a história do homem comum. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com suporte na memória, por meio de contato virtual, sob um olhar (Net)etnográfico, narrativa autobiográfica e questionário. Concluiu-se que o seu legado educacional colaborou para a formação de outros mestres de capoeira que ministram treinos em projetos sociais, fazem palestras, ministram oficinas colaborando, dessa forma, para a divulgação da Capoeira alencarina, da periferia de Fortaleza.

Palavras-chave: Capoeira. Memória. Formação.

Mestre Chitãozinho and capoeiristas formation in the Project ABC do João XXIII

Abstract

Capoeira resists in the periphery of large cities, assuming educational status, formal or non-formal, it is recognized in various ways by society, including as cultural heritage, so it is essential to record its history and memories. The objective of this research was to investigate the educational legacy of Mestre Chitãozinho for Capoeira alencarina, including the period he taught at the ABC Project of João XXIII, located in the peripheral zone of Fortaleza-CE. Thus, it is thought that this work is contributing to the recording of local memory, telling the story of the common man. This is a qualitative research supported by memory, under the (Net) ethnographic look, autobiographical narrative and questionnaire. It is concluded that his educational legacy contributed to the formation of other Capoeira masters who give training in social projects, give lectures, give workshops, collaborating for the dissemination of Capoeira alencarina, in the peripheral zone of Fortaleza.

Keywords: Capoeira. Memory. Formation.





1 Introdução

A Capoeira é uma manifestação cultural que resiste nos centros urbanos ou nas periferias das grandes cidades brasileiras. Alguns estudos sobre o papel da Capoeira vêm sendo desenvolvidos já há alguns anos (CAMPOS, 2001; SILVA, 2015; VIEIRA, 1998) que abordam sua prática como atividade educacional seja em ambientes formais ou não formais de ensino. Em 2014, ganhou o *status* de Patrimônio Cultural da Humanidade, título dado pela Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura (UNESCO). Antes disso, no ano de 2008, a Roda de Capoeira e o Ofício do Mestre foram registrados como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural Nacional (IPHAN). Os Mestres de Capoeira estão presentes nas escolas e em outros espaços, onde manifestam a cultura, sobretudo nas Rodas. Esses educadores e articuladores da cultura popular levam suas memórias de vida proporcionados pelo fluxo de saberes. Pensando em salvaguardar memórias, essa pesquisa buscou fazer um registro do legado em vida de um jovem mestre de capoeira responsável pela formação de outros capoeiristas em terras alencarinhas, trabalho esse desenvolvido no bairro da periferia de Fortaleza, Ceará, o espaço de aprendizado foi o Projeto “ABC do João XXIII”, do qual tive a oportunidade de treinar algumas vezes com o Manoel Lima de Sousa, o Mestre Chitãozinho para, logo em seguida, ser o ministrante dos treinos naquele lugar.

Esse artigo é parte da pesquisa desenvolvida no Curso de Pós-Graduação em Artes Marciais, Esportes de Combate e Lutas, realizado na Universidade Estadual do Ceará, sob a coordenação do Prof. Dr. Heraldo Simões. A monografia desenvolvida teve como título *O Projeto ABC do João XXIII como espaço de formação de capoeiristas: o legado educacional do Mestre Chitãozinho de Fortaleza-CE* e foi orientada pelo Prof. Dr. Robson Carlos da Silva, o Mestre Bobby. Inicialmente, pensei em fazer um memorial narrando minha trajetória de formação, mas depois percebi que poderia falar de parte dessa trajetória com a narrativa de outra pessoa, um dos meus mestres de capoeira, o





qual acompanhei por mais de quinze anos no grupo de capoeira que fazia parte, Grupo Cordão de Ouro, e depois, no grupo que ajudei a fundar, o Grupo Negaça Capoeira.

A chamada História Nova está mais interessada na cultura e nos aspectos sociais, conferindo menos importância às grandes personagens e acontecimentos singulares. Ela se interessa mais pelos costumes e pelos protagonistas anônimos (RODRIGUES, 2009). Quando se estuda a História, as veredas são amplas e variadas. É tarefa infrutífera tentar contemplar um longo período e um grande espaço. O presente estudo se refere às ações educativas da Capoeira, utilizando, sobretudo a experiência humana dos sujeitos envolvidos, do Mestre Chitãozinho, no Projeto ABC do João XXIII, do ano de 1992, ano em que começou a ministrar treinos até aproximadamente 2002, quando alunos seus ministravam treinos no espaço sob sua supervisão. Nesse percurso, partimos da seguinte inquietação: Qual o legado do Mestre Chitãozinho para praticantes da Capoeira Alencarina? Para responder a essa pergunta foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa com suporte na memória, por meio de contato virtual, sob um olhar (Net)etnográfico, narrativa autobiográfica, questionário.

2 Metodologia

Essa pesquisa de natureza qualitativa teve como *corpus* metodológico duas fontes principais. A primeira, bibliográfica, buscada na literatura existente sobre Capoeira, desenhada por jogadores-estudiosos (CAMPOS, 2001) abordando a Capoeira e a Educação. Na segunda parte da pesquisa, o estudo foi do tipo etnográfico com o emprego da narrativa autobiográfica e a elaboração um questionário eletrônico para o sujeito da pesquisa junto à posterior análise. Dessa forma, foi construído um *corpus* documental. Utilizando-se, por se tratar do campo educacional, a categoria da memória. Para uma abordagem no campo da educação informal, Rodrigues (2009, p. 437) aponta que “[...] abre-se um largo espaço ao estudo da micro-história, às contribuições dos





anônimos, oportunidade em que se trazem à colação da pesquisa a memória dos sujeitos participantes daquilo que se investiga [...]”.

A coleta de dados aconteceu da seguinte forma: o contato com o Mestre Chitãozinho foi realizado inicialmente por meio da rede social *Facebook*. O mestre se mostrou interessado e ligou por meio do mecanismo disponível na mesma rede e iniciamos uma conversa sobre a pesquisa. Solicitei que iniciássemos com uma narrativa autobiográfica onde ele pudesse colocar as memórias e impressões do período que ministrou treinos no Projeto ABC do João XXIII. Os relatos autobiográficos, segundo Josso (*apud* AVELINO, SOUSA e SILVA, 2015), são possíveis de serem usados, pois são produções artísticas culturais, uma espécie de mediação para falar de si e de sua vida no mundo, a partir da invenção de si mesmo.

A rede de relacionamento *online* foi nossa maior aliada neste projeto, recebi a narrativa, intitulada *Memória e História dentro dos Processos de Construção e Reconstrução Sociocultural do Ser*, via e-mail. Após a leitura e análise desse material, elaborei um questionário no *Google Docs*, por meio do recurso formulário, para suprir algumas questões que não apareceram na narrativa. Dessa forma, romperam-se as barreiras do espaço, pois o mestre mora no exterior. As questões foram todas baseadas nos relatos de autoria do Mestre Chitãozinho, solicitados preliminarmente. As perguntas foram as seguintes: *Com quem iniciou a Capoeira?; Treinou com quais mestres?; Passou por quais grupos (escolas) de capoeira?; Fale um pouco do seu currículo na época que começou a ministrar treinos no ABC do João XXIII.; Fale do seu currículo atual.; Havia vivências com os alunos para além do ABC? Se existiam, como eram?; Acredita que foram relevantes para o aprendizado? Em que aspectos?; Qual o legado que deixou em vida a partir desse trabalho (ABC do João XXIII)? Formou discípulos que continuaram a ensinar a arte? Cite-os.; Esse espaço é para escrever algo mais que desejar.*

A lida com o sujeito da pesquisa se sustentou no revisitar das memórias, das vivências cotidianas e dos saberes apreendidos no meio da Capoeira e outros universos.





Os dados coletados, por meio da narrativa e do questionário, foram analisados com base no referencial teórico, buscando encontrar os pontos em comuns com a história da Capoeira, as categorias abordadas e o trabalho desenvolvido pelo Mestre Chitãozinho no Projeto ABC do João XXIII. O tratamento dispensado aos dados constitui-se de textualização das narrativas obtidas no questionário e na narrativa autobiográfica para posterior escritura do texto final. Esse caminho mostrou-se inovador, pois o ambiente virtual foi usado como ferramenta que possibilitou sua realização (AVELINO, SOUSA e SILVA, 2015).

3 Resultados e Discussão

Essa seção foi dividida em dois tópicos, a saber: Algumas memórias da Capoeira do Ceará e Mestre Chitãozinho. No primeiro tópico, busca-se visitar alguns fragmentos da gênese da Capoeira cearense e desenhando uma linha genealógica que liga o Mestre Zé Renato, pioneiro da Capoeira no estado ao Mestre Chitãozinho, que desenvolveu trabalho no Projeto ABC do João XXIII, na década de 1990.

3.1. Algumas memórias da Capoeira do Ceará

A História da Capoeira no Ceará é cheia de controvérsias e pontos obscuros, mas sabe-se, por meio de escassas pesquisas e da oralidade, que os cearenses tiveram importante participação na formação da Capoeira Regional desenvolvida pelo Mestre Bimba na década de 1930. Uma figura entre eles merece destaque, Sisnando, um jovem que foi estudar Medicina na Bahia, pois na época não havia esse curso no Ceará. O cearense, depois de muito insistir, começou a treinar com Mestre Bimba, levando, ainda, outros cearenses, estudantes da faculdade, entre eles, Ruy Gouveia. Porém, nenhum dos cearenses que treinaram com o Mestre Bimba formou discípulos e nem trabalho em terras alencarinas. Ficando essa tarefa de pioneirismo para o Ms. Zé Renato.





O Mestre Zé Renato teve uma trajetória com aproximações e afastamentos da capoeira, porém gerou discípulos. Sua história está registrada poeticamente no versos de cordel de Carvalho Filho (1997), conta que Cipolati, sargento gaúcho, que havia morado na Bahia e ex-aluno de Mestre Bimba, era o responsável pela iniciação do então garoto, Renato. Ele sempre estava envolvido com atividades artísticas, recitando poemas, cantando ou desfilando. Corria atrás do circo quando chegavam a Crateús, observava a montagem e até fazia aulas de saltos e malabarismo (SILVA, 2013). Foi um andarilho à procura de Capoeira pelo mundo, foi para a Bahia, onde conheceu mestres Bimba e Pastinha, nomes que representam a Capoeira. Em 1967, retorna à sua terra natal, mas com seu espírito inquieto, vai ao Rio de Janeiro, onde treinou com Mestre Leopoldina, nome da capoeira carioca (CARVALHO FILHO, 1997). Passou alguns anos no Rio e voltou para o Ceará, fez Escola Técnica em Fortaleza e, em 1971, foi ao Maranhão. Treinou bastante por lá e voltou em 1972, ano em que começou a ensinar a Capoeira no estado, iniciando esse trabalho em escolas da capital, ensinou nas escolas Oliveira Paiva e Castelo Branco. O mestre também foi à Brasília, onde ensinou e fundou o Grupo Xangô, deixando lá o Mestre Bartô. Fundou, ainda, o Grupo Alma Negra. Na década de 1990, afastou-se da atividade. Esse afastamento não dura muito, o Mestre Zé Renato retorna as rodas de Capoeira, levando sua presença e um pouco de sua experiência. Teve como primeiro aluno Demóstenes, depois vários outros surgiram durante seus anos de ensino. Entre seus alunos, merecem destaque os mestres Jorge Negão, João Baiano, Everaldo Ema e Zé Ivan, que ainda se fazem presente em rodas (CARVALHO FILHO, 1997). Eles são os pilares da Capoeira do Ceará.

Outros mestres contribuíram para o desenvolvimento da Capoeira cearense, como o Mestre *Squizito*, que trouxe o estilo Regional ao estado (CARVALHO FILHO, 1997), e também formou discípulos. Além disso, foi o responsável por implantar um sistema de graduações no Ceará.

Carvalho Filho (1997) destaca o trabalho da Associação Zumbi do Mestre Everaldo, tem entre seus mestres associados, Lula, Ulisses, Júnior, Jean, Geléia e





Wladimir. Outro nome de destaque, não citado pelo cordelista, mas foi discípulo do Mestre Everaldo, é o Mestre Espirro Mirim. Ele iniciou na Capoeira em 1979, com o Mestre Everaldo do Grupo Favela que, mais tarde, mudou o nome para Grupo Zumbi. Em uma matéria de uma revista especializada em Capoeira, o Mestre Mirim (2001, p. 25) diz: “Em 1984, fui formado pelo Mestre Everaldo, porém eu não parei de treinar [...] resolvi viajar para o Rio de Janeiro [...] onde treinei no grupo Palmares com os mestres Branco e Gomes”. Depois rumou para São Paulo, onde iniciou seu contato com o Mestre Suassuna, do Grupo Cordão de Ouro, com o qual está até hoje. Em 1988, Espirro Mirim formou-se professor pelo Grupo Cordão de Ouro, ano em que trouxe o grupo para Fortaleza e começou seu trabalho. Em 1991, ele recebeu o título de mestre, depois de pouco mais de uma década de treino. É uma espécie de fenômeno da Capoeira, resultado de muito talento e treino. Inicia sua carreira internacional em 1992, quando vai para São Francisco nos EUA, em 1996, para Israel e continuou viajando pelo mundo se estabelecendo no exterior. Ele tem importantes discípulos, entre eles, o Mestre Chitãozinho, sujeito dessa pesquisa, que em 2000.

3.2. Mestre Chitãozinho

O Mestre Chitãozinho conheceu a Capoeira por volta de 1982-1983, mas somente em 1986 começou a treinar, ingressando numa academia em 1987, no Centro Comunitário Miriam Porto Mota, no Bairro João XXIII, em Fortaleza. Antes de 1987, praticava informalmente com amigos, mas então, começou a ter aulas em 1987 com o monitor Júnior Bill, do Grupo Zumbi Capoeira que desenvolvia o trabalho com outro graduado (corda marrom e branco) chamado William (SOUSA, 2017-B). Pouco depois, iniciou-se aulas no Clube do Jovem no Bairro João XXIII, ministradas pelo instrutor Barão, o qual era aluno do professor Araminho. Depois, foi treinar com o contramestre Everaldo Ema, líder do Grupo Zumbi Capoeira. Treinou ainda com o próprio professor Araminho, no Bairro do Montese, numa academia que visitava, com frequência, junto com seus colegas de treino.





Entre 1989 e 1990, o professor Barão, com quem passou a treinar, decidiu ir embora para Paramoty. Mesmo período que conheceu o então professor Espirro Mirim, numa roda de capoeira realizada às sextas-feiras pelo professor Ratto, no Polo de Lazer da Parangaba. Encantado com a capoeira do professor Espirro Mirim, o Chitãozinho foi treinar com ele em 1990, permanecendo até 2005. Afirma a relevância de todos os capoeiristas com quem treinou como construtores de sua jornada. Em síntese, passou pelo Grupo Zumbi Capoeira, Grupo Senzala, ABADA-Capoeira, Grupo Cordão de Ouro para então fundar o Grupo Negaça Capoeira em 2005. O Mestre Chitãozinho é um capoeirista com formação acadêmica na área de humanas e escritor com livros que versam sobre a relação da capoeira com questões da espiritualidade, ética e moral. Faz 12 anos que mora na Inglaterra, Reino Unido. Ministra aulas semanais de Capoeira para adultos e para crianças. Sempre está viajando para ministrar seminários teóricos e práticos sobre Capoeira.

O Projeto ABC – Aprender, Brincar e Crescer foi fundado em 1992 e atendia bairros da periferia de Fortaleza, era promovido pela Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Governo do Estado do Ceará, atendia a população de crianças, adolescentes e jovens de 7 a 17 anos, estudantes de escolas públicas e de famílias em situação de vulnerabilidade e risco social com diversas atividades educativas, culturais, artísticas, esportivas, produtivas e de iniciação profissional, entre elas, a Capoeira. Em 1996, quando cheguei ao Bairro João XXIII, tive a oportunidade de treinar algumas vezes nesse espaço, apesar de não ter feito matrícula na instituição. Ainda no mesmo ano, o então professor Chitãozinho propõe que eu seja o responsável, aos 17 anos de idade, pelos treinos no local, algo que aceito, mesmo achando que eu era muito jovem para a missão. Iniciei o trabalho contando com seu apoio e orientação. Treinava com ele no Clube do Jovem e na Academia Visual Center, locais onde o mestre ensinava, e ministrava os treinos do Projeto ABC do João XXIII. Sobre seu contato inicial com o projeto, o Mestre Chitãozinho conta que foi convidado pela coordenação do projeto, por volta de 1992-1993, não foi o primeiro a ministrar treinos lá, porém acredita



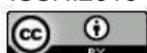


que as raízes da capoeira só foram fincadas com sua chegada (SOUSA, 2017). Um projeto social é um espaço de muitos desafios, mesmo sem experiência, aceitou dar aulas de capoeira, enfrentando os preconceitos contra a instituição e contra a capoeira. A capoeira atrai jovens de diversas classe sociais, então, aproveitou esse atrativo para construir algo edificante em cada ser, trabalhando a educação dos sentimentos, da disciplina das emoções.

Antes de completar o primeiro ano, realizou um Batizado, momento em que o aluno iniciante recebe sua primeira graduação num jogo com um capoeirista mais experiente. Segundo Sousa (2017) o Batizado “[...] criava uma relação de respeito, admiração e determinação tanto por parte dos alunos, como por parte de seus familiares”. Assim, com muito trabalho, os elogios foram aparecendo, era o reconhecimento do trabalho. Era um espaço que juntava diversos perfis de participantes, nem todos estavam ali por conta da Capoeira. Como o próprio Mestre Chitãozinho narra “[...] não podíamos deixar de reconhecer, que muitos procuravam as atividades do projeto [...] por conta da fome física que sentiam... falta de comida [...]” (SOUSA, 2017). Independente do motivo, aquelas pessoas se reuniam no projeto social, e o Mestre Chitãozinho usou o momento e a atividade para educar aqueles sujeitos, participando da sua formação. Para Silva (2015, p. 259):

[...] educar é uma ação profundamente política e ética, portanto, para se alcançar êxito numa ação pedagógica que pretenda a formação de cidadãos críticos, ativos e solidários, numa sociedade democrática, faz-se necessário que esta ação esteja ligada a um compromisso consciente e cuidadoso com a comunidade a que se pretenda servir.

Em sua narrativa, o Mestre Chitãozinho aborda diversas vezes a relação de sua prática pedagógica como um ato de formação dos indivíduos. No entanto, segundo ele, a ideia que a sociedade tem sobre educar consiste em ensinar a ler e a escrever. É pouco percebido outras formas de conhecimento. A roda de capoeira é um espaço de formação, onde as cantigas podem ser instrumentos de aprendizagem, pois contam fatos históricos





e trazem muitas mensagens sobre comportamentos e valores dessa cultura (VIEIRA, 1998). O Mestre Chitãozinho diz que:

Sempre eu me esforçava para que todos nós permanecêssemos dentro de um clima de respeito com descontração. E quanto mais eu oferecia saberes, mais eu suponha que tinha que cobrar no fazer, pois tínhamos um lema que, impunha a mim mesmo e aos alunos, o dever de se esforçar para se aproximar do formato da moral das coisas ensinadas (SOUSA, 2017).

O Mestre Chitãozinho tem uma orientação religiosa cristã. A Capoeira, para muitos, é separada da religião, trata-se de um pensamento ocidentalizado. A Capoeira, como prática afrodescendente, é irmã dos rituais religiosos de mesma matriz. Percebe-se, na roda de capoeira, manifestação da religiosidade, nas cantigas e nos gestos. O mestre entende o fator religioso presente nessa cultura, não como uma oportunidade de evangelização, mas como o momento para a construção da consciência moral dos indivíduos (SOUSA, 2017-B).

Eu fui um aluno fortemente influenciado por suas ideias. Já pensava sobre a conduta do capoeirista dentro e fora da roda. Tinha uma consciência cristã muito bem forjada no seio familiar. Porém, a Capoeira, nesse período, vivia um espírito de combate. Havia uma rivalidade franca entre, nós do Projeto ABC do João XXIII, do Grupo Cordão de Ouro, e o grupo de capoeira que atuava ao lado, no Centro Comunitário Miriam Porto, ABADA-Capoeira. Convencer os capoeiristas, jovens, que deveria haver respeito, não era tarefa das mais fáceis. No entanto, diversos momentos foram proporcionados para amenizar essas diferenças como rodas de integração onde estavam presentes os dois grupos.

O espaço de aprendizagem na Capoeira rompe os muros institucionais, aproxima mestre e discípulo. O Mestre Chitãozinho narra que fazia visitas aos alunos, em busca de compreender melhor a situação em que viviam, tentando uma aproximação da realidade deles (SOUSA, 2017-B). Eu também convivía com os alunos no período que ministrei treino nesse espaço. Muitos se tornaram meus amigos, frequentava as suas casas, participava da vida familiar, conhecia os pais e saía para rodas e outros





passeios. Era uma relação que não se restringia apenas ao espaço de treino, algo semelhante ao que é narrado por Fred Abreu (*apud* CASTRO JÚNIOR, 2004), ou seja, trata-se de uma relação afetiva e social que é construída no convívio cotidiano, com certo grau de intimidade e preocupação do mestre em estar próximo dos alunos. Trata-se do ensino pelo exemplo. O Mestre Chitãozinho participou da formação de diversos capoeiristas no ABC do João XXIII, eu também tive o prazer de compartilhar desses momentos, ministrando aulas sob sua orientação. Em suas palavras,

[...] o discípulo continua com o seu mestre na mentalidade para toda a sua vida; não importa onde ou com quem esteja. [...] eu tinha interesse em fazer brotar algo de dentro daqueles que me seguiam os passos, e eles ao seu turno, tinham o interesse de serem interpenetrado na alma, por esses valores formadores da personalidade. Assim, tivemos compartilhadores dos nossos sonhos, tais como Ronald, Pote, Dorado, Cruel, Eudes, Clark, Olímpio, Tropeço etc., que continuam com suas atividades formadores de capoeiristas, de ideias, de julgamentos de valores e de reconstrução de novos valores dentro do Ideal Capoeirístico (SOUSA, 2017-B).

Ele aponta o ABC como lugar de aprendizagem, onde não só os alunos, mas ele também aprendia, trazendo assim uma ideia freiriana, embora de forma inconsciente. Continua narrando que teve “[...] a chance de permitir que jovens mal saídos da adolescência, ou mesmo nela, dessem aulas no ABC para me substituir, os quais realizaram muitas atividades melhores do que as que eu realizei” (SOUSA, 2017). Pode-se entender, com Silva (2015), que o mestre de capoeira proporciona um fluxo de saberes, oferecendo saberes e valores educacionais aos indivíduos. Dessa forma, colabora para a

[...] formação de crianças e jovens capazes de guardar valores caros e essenciais para suas relações sociais, tais como: respeito às pessoas e aos ambientes; compreensão das reais possibilidades de aprendizado significativo [...] para seu crescimento intelectual, psicológico e afetivo; [...] (SILVA, 2015, p. 263).

Assim como outros mestres, permitiu-se pensar inovações ou antecipar-se aos momentos de desenvolvimento da manifestação cultural. Percebeu de forma empírica que precisava trazer mudanças a sua forma de ensinar. Observa-se que tentou inovar na





prática física, mas também em tentar educar com valores sociais para uma melhor convivência em comunidade.

4 Considerações finais

O Mestre Chitãozinho é um articulador do fluxo dos saberes presentes na Capoeira em terras alencarinhas. Seus discípulos, estando ou não em seu grupo, treinando ou não Capoeira, guardam seus ensinamentos. Ele contribuiu para formação de jovens que exercem a cidadania propagando os ensinamentos daquele espaço periférico de manifestação da cultura popular. Espaço que rompe as paredes institucionais, que transitam entre saberes.

Pode-se dizer, com base nas reflexões e análises realizadas, que o legado educacional do Mestre Chitãozinho, no período que ministrou ou coordenou os treinos do Projeto ABC do João XXIII, colaborou para a formação de outros mestres de capoeira que ministram treinos em projetos sociais, fazem palestras, ministram oficinas ajudando, dessa forma, para a divulgação da Capoeira alencarina, sobretudo, a forjada em meio à periferia de Fortaleza.

Referências

AVELINO, Ysnaira Pollyanna Damasceno; SOUSA, Anna Caroline Silva Costa; SILVA, Robson Carlos da. A Capoeira como aparelhagem social de visibilidade do negro: identidade e ascensão social. *In*: MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). *Entre o Derreter e o Enferrujar: os desafios da educação e da formação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

CAMPOS, Hélio. *Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência*. Salvador: EDUFBA, 2001.

CARVALHO FILHO, José Bento de. *Capoeira: a história do Mestre Zé Renato*. Literatura de cordel. Fortaleza – CE, 1997.





CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. *In: Revista Brasileira Ciência Esporte*. Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.

Espirro Mirim: A Fortaleza do Ceará na Capoeira. *In: Cordão Branco: A Revista dos Mestre*. Ano I, nº 2. Rio de Janeiro: Camargo e Moraes Editora, 2001. (24-29)

RODRIGUES, Rui Martinho. História, fontes e caminhos da educação e da cultura. *In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia [et al.] (org.)*. Escolas e culturas: políticas, tempos e territórios educacionais. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.422-441.

SILVA, Robson Carlos da. Educação, Cultura e Escola: A escola de capoeira e as interlocuções possíveis entre o formal e o não formal. *In: SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.)*. Cultura, Sociedade e Educação Brasileira: teceduras e interfaces possíveis. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SILVA, Sammia Castro. Protagonismo no ensino da Capoeira no Ceará: relações entre lazer, aprendizagem e formação profissional. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013.

SOUSA, Manoel Lima. Questionário elaborado por José Olímpio Ferreira Neto. 2017.

SOUSA, Manoel Lima de. Memória e História dentro dos Processos de Construção e Reconstrução Sócio-cultural do Ser. Narrativa solicitada por José Olímpio Ferreira Neto para a pesquisa Narrativa de vida do Mestre Chitãozinho: o ABC do João XXIII como espaço de formação de capoeiristas. 2017.

VIEIRA, Luiz Renato. O Jogo da Capoeira Corpo e Cultura Popular no Brasil. 2ªed., Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1998.

i José Olímpio Ferreira Neto, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7258-467X>

Secretaria Municipal de Educação, Instituto Federal do Ceará, Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Professor da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Aluno do Programa de Pós-graduação em Ensino e Formação Docente Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em associação com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Contribuição de autoria: Escrita – Primeira Redação, Investigação, Metodologia

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1936175308771884>

E-mail: jolimpioneto@hotmail.com





ii **Robson Carlos da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3818-6464>

Universidade Estadual do Piauí, Núcleo de Pesquisas em História Cultural, Sociedades e História da Educação Brasileira

Professor Adjunto IV DE (Dedicação Exclusiva) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Doutor em História da Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Contribuição de autoria: Escrita – Revisão e Edição, Metodologia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9447533999103310>

E-mail: robsonuespi64@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Como citar este artigo (ABNT):

NETO, José Olímpio Ferreira; SILVA, Robson Carlos da. Mestre Chitãozinho e a formação dos capoeiristas no Projeto ABC do João XXIII. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2019. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3518>

